

dossiê pensamento imagem

o sentimento trágico da vida em miguel de unamuno

the tragic feeling of life in miguel de Unamuno

simeão sass¹

resumo

O estudo investiga o pensamento do filósofo espanhol Miguel de Unamuno. Inicialmente, aborda-se a biografia do autor com enfoque na vida política e nos desdobramentos da Guerra Civil espanhola iniciada em 1936. Destaca-se a corajosa atitude de Unamuno de enfrentar a violência perpetrada pelos generais comandados por Francisco Franco. Em seguida, analisa-se a teoria do sentimento trágico da vida e os desdobramentos teóricos em relação ao contexto filosófico e cultural espanhol. Na Conclusão, ressalta-se a postura política de Unamuno e os paralelos que podem ser traçados entre o período do golpe militar e os acontecimentos políticos e sociais decorrentes da ditadura que se instaurou a partir da vitória do exército de Franco. A atitude de Unamuno é utilizada para se pensar a postura política dos intelectuais diante dos constantes assaltos aos regimes democráticos identificados na contemporaneidade.

palavras-chave

Ditadura; trágico; crença; engajamento.

abstract

The present study approaches the works of Spanish philosopher Miguel de Unamuno. Initially, we will examine Unamuno's biography, focusing on Spanish political life and the unfolding of the Spanish Civil War of 1936. The author's courageous attitude, of facing the violence perpetrated by Francisco Franco's regime, stands out. Subsequently, we will analyze the theory of tragic feeling of life and its theoretical developments amongst the Spanish philosophical and cultural contexts. Finally, we will highlight Unamuno's political stance, as well as identify parallels that can be drawn between the military coup period and the political and social consequences of the dictatorship established after the victory of Franco's army. Unamuno's attitude is furthermore utilized to reflect on the political posture of modern day intellectuals, in the face of constant assaults on democratic regimes, easily identified in contemporary times.

keywords

Dictatorship; tragic; belief; engagement.

¹ Doutor em Filosofia pela UNICAMP. E-mail: simeaosass@gmail.com.

Introdução

Aspectos biográficos

Miguel de Unamuno nasceu em 29 de setembro de 1864 na cidade de Bilbao e faleceu em 31 de dezembro de 1936 em Salamanca. É considerado um dos maiores expoentes do pensamento espanhol. Filósofo e escritor, publicou ensaios filosóficos, peças teatrais, poesias e romances. Foi reitor da Universidade de Salamanca e deputado. Adotou, inicialmente, postura de apoio aos setores conservadores e golpistas durante a Segunda República, mas revisou seu posicionamento enfrentando a ditadura fascista que se instalou na Espanha a partir da Guerra Civil. Fez oposição ao governo ditatorial de Primo de Rivera. Após a queda da ditadura espanhola de Rivera em 1930, Unamuno retorna de sua estada na França e apoia a Segunda República. Torna-se membro da *Conjunción Republicano-Socialista*. Com o passar do tempo, desencanta-se com os rumos da política dos republicanos e inicia o período de crítica e de distanciamento. Com o início da guerra civil espanhola, Unamuno coloca-se, inicialmente, ao lado dos militares golpistas por discordar das reformas que a esquerda revolucionária estava implementando. Após este breve período de apoio aos golpistas, Unamuno reconhece que suas posições políticas o levaram ao isolamento e ao suporte a um regime sanguinário.

O ponto culminante da reviravolta na postura política de Unamuno se deu durante a cerimônia de início das atividades acadêmicas da Universidade de Salamanca em 12 de outubro de 1936. Ele entrou em conflito com o general Millán-Astray que, nesta mesma solenidade, discursara contra a atividade acadêmica entoando elogios ao regime de fuzilamento dos opositores que grassava por toda a Espanha. Unamuno declara: “Conquistar no es convertir. Vencer no es convencer y no puede convencer el odio que no deja lugar para la compasión”². Contra esta declaração de insubordinação, o general Millán-Astray grita: “¡Abajo los intelectuales!, ¡Viva la muerte!”³. Este ato de oposição ao regime ditatorial custou a Unamuno a prisão domiciliar. Poucos meses após este confronto Unamuno faleceu. Em suas últimas manifestações criticou a ditadura em suas vertentes comunista e nacionalista. Morreu defendendo a liberdade em meio ao caos da guerra civil.

Filosofia

A obra de Miguel de Unamuno aborda as contradições e a crise existencial de seu tempo que se confundem com a sua história pessoal. Dentre as mais importantes publicações destacam-se *Paz en la guerra* (1897), *Amor y pedagogía* (1902), *Recuerdos de*

² “Conquistar não é converter. Vencer não é convencer e não pode convencer o ódio que não deixa lugar para a compaixão” (todas as traduções são de nossa autoria). RABATÉ, C.; RABATÉ, J.- C. *Miguel de Unamuno. Biografía*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2014, p. 632.

³ “Abaixo os intelectuais! Viva a morte!”. RABATÉ, C.; RABATÉ, J.- C. *Miguel de Unamuno. Biografía*. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2014, p. 633.

niñez y mocedad (1908), *Del sentimiento trágico de la vida* (1913), *Niebla* (1914), *La agonía del cristianismo* (1925).

Uma das características mais singulares de seu pensamento foi a recusa da sistematicidade, fato que, por vezes, lhe valeu a classificação de irracionalista. Formado em ambiente intelectual conservador e pautado pelo positivismo, cultivou, na juventude, simpatia pelo socialismo. A cultura racionalista, entretanto, foi criticada em vista da problematização da vida humana. Sofreu influência de Kierkegaard. Aprofundou a reflexão acerca da relação contraditória entre a razão e a fé. Esta inspiração possibilitou a identificação de sua obra com o existencialismo cristão.

A temática do pensamento de Unamuno resgata as contradições entre a fé e a razão, a vida e a morte, a imanência e a transcendência, a eternidade e a concretude da vida singular. Estas contradições aprofundam o conflito existencial característico de cada ser humano. Tais contradições são acirradas pela radical separação entre o sentimento e a racionalidade.

Sua obra mais famosa, *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos*, aborda um problema que permanece relevante até nossos dias. Nesta obra, a **contradição** torna-se o método de exposição das vivências do autor basco. A tragicidade da vida humana não decorre da recusa pura e simples da razão, mas da assunção de que ela não é suficiente para expressar os dilemas vividos pelo ser humano. A dupla aspiração ao eterno e ao mundano, ao divino e ao científico, ao real e ao irreal conduzem cada indivíduo ao momento crucial de tomada de consciência de seu desespero diante da ausência de respostas definitivas. Neste contexto, o trágico da vida humana eclode com toda a força. É importante mencionar que esta consciência encarnada se manifestou em Unamuno em cíclicas crises de depressão e ansiedade. A unidade entre as vivências e a expressão narrativa destas vivências antecipou, em décadas, as filosofias de Sartre, Camus e Heidegger. Tais vivências são dominadas pela angústia e pela consciência temporal de uma cultura em crise irreversível. Forjado entre guerras, o pensamento de Unamuno relata em forma autobiográfica e descriptiva as intempéries de seu tempo. Poucos filósofos expressaram de forma tão explícita e pessoal, de forma racional e emocional, a tragédia da existência humana.

De modo coetâneo, o sentimento de ausência de sentido da vida, o desespero, a angústia, todos estes “sintomas” sintetizados no **sentimento de nada que invade a vida** – na esteira das filosofias kierkegaardiana e pascaliana – reverberam a impotência do racionalismo frente aos dilemas existenciais e religiosos. O trágico humano turva a clareza das ideias. A vida invade a filosofia transformando-a em repositório de contradições e conflitos insuperáveis. O horror perante o sentimento de nada, que destrói o sentido da existência, desperta no ser humano o desejo de transcendência, a ansiedade se transforma em ânsia de imortalidade.

O sentido do ato de filosofar, para Unamuno, converte-se em busca pelo sentido da vida, numa procura pela finalidade para o existir. Esta interrogação problematiza a condição finita do homem. A morte inexorável suscita em cada indivíduo a necessidade de encontrar uma explicação para a finitude. Neste contexto, três atitudes são possíveis: a) a ciência e a incredulidade postulam a morte como o fim de tudo; b) o crente ingênuo não acredita no final da vida diante do fato da morte, mas não problematiza esta contradição; c) o ser humano experimenta o sentimento trágico da vida compreendendo

que não é possível adquirir qualquer certeza acerca deste dilema insolúvel, fato que o lança na in tranquilidade recorrente.

A consciência que o ser humano adquire, ao longo de sua existência, da finitude, da morte que se mostra como fim da vida, desperta em cada indivíduo o sentimento trágico da vida. A experiência central da filosofia, para Unamuno, é vivida por todos, independentemente de ser filósofo ou não. É esta consciência da morte e do sentimento trágico decorrente desta condição que distingue o ser humano de todas as outras espécies. Se é possível falar da antropologia de Unamuno, ela define o ser humano como o animal que ritualiza a morte em sentido extremo. O animal humano cultua seus mortos inserindo o fato da morte no cotidiano da vida. É esta singularidade que o torna diferente dos outros animais.

A morte obriga o ser humano a lidar com a perda e a ausência. As religiões sempre foram instâncias de consolo para a inevitabilidade da morte. A imortalidade, a ressurreição, a eternidade da alma, a reencarnação sempre foram essenciais na tarefa de aplacar o desespero diante da perda irreparável. Unamuno manifestou inequivocamente sua devoção ao catolicismo ao mesmo tempo em que assumiu o dilema de conviver com a inevitabilidade da morte. Mas sua fé não o impedi de tecer críticas aos doutrinadores e aos teólogos que privilegiavam a racionalidade e desprezavam a condição inexplicável dos mistérios da fé. Tal crítica lhe valeu admoestações das instituições religiosas. A crença de Unamuno nos princípios da religião católica não obscureceu seu senso crítico. Nesse aspecto, as semelhanças com a filosofia de Kierkegaard são inegáveis.

Se a racionalidade tecnicista turva o olhar humano para a visão trágica da vida, Unamuno encontra na fé a expressão desta tragicidade insuperável. Neste sentido, não é a racionalidade científica e filosófica que torna possível a tomada de consciência, mas o **sentimento**. A tragicidade da vida humana não é explicada, é sentida. Diante deste fato, o iluminismo racionalista é impotente. Tal situação lança o ser humano em uma contradição constante entre a fé que duvida e a ciência que explica. A fé religiosa, para Unamuno, não se caracteriza pelo dogmatismo, pela crença cega, ao contrário, ela é sentimento que interpela o inexplicável. Neste sentido, ela é mais radical que a ciência. A ciência sempre se caracteriza pelas respostas definitivas, pelas leis que definem os fenômenos. A fé, ao contrário, nunca se satisfaz com uma resposta definitiva. A fé nos lança na incerteza, a ciência, no conhecimento das verdades eternas. A fé incomoda e inquieta, a ciência tranquiliza e apascenta. A ciência torna o mundo suportável, a fé lança o ser humano na dúvida insolúvel.

Unamuno reflete em sua filosofia os dilemas de sua época. Ao mesmo tempo em que seu século atinge o triunfo da técnica, da matéria, da ciência, do capital, o pessimismo e o niilismo invadem o espírito humano.

Contra o niilismo e o pessimismo, Unamuno resgata o espírito de Don Quijote. Espírito que desbrava o deserto da racionalidade tecnocrática e desumana traçando o caminho da esperança que se confunde com a utopia.

O sentimento trágico da vida

A obra mais importante de Miguel de Unamuno é *Del sentimiento trágico de la vida* (1913). A antropologia surge como um dos polos imantadores desta coletânea de

ensaços cujo objetivo central é compreender o ser humano “em carne e osso”. Esta antropologia aborda temas como a angústia, a morte, a imortalidade e os dilemas típicos da passagem do século XIX ao XX. Uma das características originais desta abordagem é a valorização, como resalta o título, do sentimento vivido pelo ser humano.

A racionalidade não é a inimiga deste processo de assunção da tragicidade da vida, ela acompanha o processo, mas o destaque é dado ao fato de que a consciência da finitude é **sentida**. É possível afirmar que essa assunção é pensada e vivida conjuntamente. O sentimento revela a concretude desta atitude perante a situação de não haver respostas racionais e definitivas ao dilema da facticidade da morte. Outro aspecto importante é o fato de que esta obra de Unamuno conserva um teor autobiográfico evidente. O teor autobiográfico envolve as crises espirituais vividas pelo autor ao longo de sua história e que culminaram na mais grave de todas, a de 1897.

As crises espirituais de Unamuno surgiram a partir de sua estada na Universidade de Madri, em 1880. Católico fervoroso, até então, as crescentes dúvidas em relação aos dogmas católicos ocasionados pelo contato com as reflexões filosóficas e científicas levaram o filósofo basco a renegar suas convicções iniciais. A partir de então, ele se vê diante do dilema de resgatar as antigas convicções religiosas da infância ou enfrentar a incredulidade dos questionamentos racionais. A este contexto são acrescidos o sentimento de incerteza acerca da imortalidade e o inevitável medo da morte.

Esta crise religiosa converteu-se em crise existencial difusa e profunda. Esta crise instaurou a reavaliação e a autocrítica de sua carreira profissional de filósofo, jornalista, político e escritor. A narrativa desta revisão crítica de sua obra foi consagrada em seu *Diário íntimo* (1897/2005). Nas reflexões narradas neste diário vislumbra-se uma possível solução para os dilemas enfrentados. Unamuno não rechaça a racionalidade para retornar ao período da crença ingênua de sua infância, ele vislumbra uma nova fé brotada do conflito entre a crença e a razão, um “**querer crer**” que envolve essas duas atitudes opostas.

Do sentimento trágico da vida, neste sentido, torna-se a reflexão que sintetiza as inquietações ontológicas, existenciais, religiosas, filosóficas, éticas e científicas de Unamuno. A primeira questão relevante abordada nesta obra é a concretude que encarna o termo homem. Inicia-se com a interpelação acerca da **abstração** que a filosofia erige em relação ao referido termo. A concretude da existência humana reflete a luta por permanecer ativo perante o fato da morte.

A continuação desta reflexão inicial visa analisar as características do vivente que luta para permanecer existindo. O “mundo real” que exige do homem a realização de tarefas e o desenvolvimento de habilidades motoras, para não perecer diante da “luta pela existência”, conduz ao desenvolvimento de outras perspectivas – como o sentimento, a linguagem a expressão, a razão, a fé, a imaginação – dimensões de um “mundo ideal”.

Juntamente com o instinto de sobrevivência que é despertado no homem pelo fato de estar vivo e ter de lutar contra a morte, surge outro, o **amor**, centro das investigações da referida obra a partir do estabelecimento desta dupla tendência. O instinto de sobrevivência e o amor revelam a Unamuno a vivência de um dilema. A partir de suas experiências pessoais, ele interpela as soluções apresentadas pela filosofia ao problema enunciado. Em resposta, ele encontra não só na filosofia mas na religião católica a infiltração da racionalização da fé que culmina no ceticismo radical.

Este conflito entre razão e fé, que sintetiza o próprio termo **vida**, é assumido por Unamuno no sentido da contradição unificadora. Ele não dicotomiza essas experiências, ele as unifica na fé esclarecida e na assunção do sentimento trágico da vida. Tal qual Quijote, ele transforma sua crença em sentido unificador da batalha cultural contra o ceticismo. Das profundezas da crise existencial, Unamuno ressurge com o projeto de assumir um novo sentido para sua vida: o **querer crer**. Uma das consequências desta reflexão radical acerca da vida é a identificação do **conflito** como um de seus motores mais potentes. E, neste sentido, sua interpelação acerca da fé religiosa o aproxima ainda mais de Kierkegaard. Tornando a investigação filosófica não uma explanação religiosa, mas o questionamento radical acerca da própria existência, Unamuno elege a fé e a razão, em conflito, como símbolos do espírito humano em sua essência. A radicalidade da interpelação religiosa simboliza o ser humano em perplexidade diante da finitude. A fé ou o ateísmo são, igualmente, posturas que levam ao processo de tomada de consciência da tragicidade da vida. Como afirmava Kierkegaard, aquele que não se reconhece como angustiado durante sua vida é, de forma mais radical, habitado por este sentimento⁴. Neste sentido, a interpelação existencial de Unamuno não é menos rigorosa que a de Kierkegaard, Goethe, Pascal ou dos existencialistas ateus.

O conflito que nasce em cada ser humano com a consciência da finitude se generaliza nas relações sociais. A sociedade passa a existir sob o signo do conflito. A luta pela vida, pela sobrevivência, passa a ser também desejo de imortalidade e, em sentido genérico, desejo de fama e notoriedade. É a partir desta dimensão conflituosa da existência que Unamuno narra um tema que nos é contemporâneo, que está na ordem do dia de nossa sociedade atual: a **agressividade**.

A posição de Unamuno perante a agressividade, tão naturalizada na sociedade, é a identificação de que cada ser humano necessita de outro ser humano em sua existência mais elementar. E essa solidariedade é despertada pela vivência cotidiana do sofrimento e da dor, em última instância, do sofrimento causado pela morte. Para enfrentar a constante experiência do sofrimento, o amor surge como sentimento essencial. O amor estimula o sentimento de compaixão consigo e com os outros.

Es el amor, lectores y hermanos míos, lo más trágico que en el mundo y en la vida hay; es el amor hijo del engaño y padre del desengaño; es el amor el consuelo en el desconsuelo, es la única medicina contra la muerte, siendo como es de ella hermana⁵.

Ao situar o amor no centro da vida religiosa – em sentido amplo, não só em relação ao catolicismo – e, por conseguinte, no centro da existência humana, Unamuno ultrapassa sua própria individualidade. O amor passa a ser o sentimento trágico que cura o sofrimento causado pela finitude. Ressalta-se a manutenção da contradição no salto para solução do dilema. O amor é aquilo que há de mais trágico e, ao mesmo tempo, aquilo que nos faz suportar a tragicidade da vida.

⁴ Cf. KIERKEGAARD, S. *O conceito de angústia*, Petrópolis: Vozes, 2010.

⁵ “É o amor, leitores e irmãos meus, o mais trágico que há no mundo e na vida; é o amor filho do engano e pai do desengano; é o amor o consolo no desconsolo, é o único remédio contra a morte, sendo, como é, dela irmã”. UNAMUNO, M. de. *Del sentimiento trágico de la vida*. Madrid: Renacimiento Sociedad Anónima Editorial, 1913, p. 133.

A consequência ontológica da centralidade do amor no pensamento unamuniano é a interdependência entre a consciência de si e a de outrem. Esta interdependência, entretanto, não significa submissão recíproca. A relação entre pessoas é a perspectiva da afirmação de cada um perante o outro. Ser para o outro exige criatividade, atividade, originalidade. A individualidade não desaparece quando se vive a reciprocidade. A reciprocidade também se dá no sofrimento:

El dolor es el camino de la conciencia, y es por él como los seres vivos llegan a tener conciencia de sí. Porque tener conciencia de sí mismo, tener personalidad, es saberse y sentirse distinto de los demás seres, y a sentir esta distinción sólo se llega por el choque, por el dolor más o menos grande, por la sensación del propio límite. La conciencia de sí mismo no es sino la conciencia de la propia limitación. Me siento yo mismo al sentirme que no soy los demás; saber y sentir hasta donde soy, es saber donde acabo de ser, desde donde no soy⁶.

Tanto o amor quanto o sofrimento, duas faces de uma mesma vida, certificam a relação contraditória entre estar junto e ser só; depender de outrem e ser si mesmo, ser consciência de si e de outrem. Dessa relação contraditória surge outra contribuição unamuniana original para a compreensão do ser humano: o conceito de “insubstituibilidade” (*insustituibilidad*). Cada ser humano deve viver de modo a ser insubstituível, ou seja, diferenciar-se de outrem. Neste sentido, o conflito permanece. Vivo tentando afirmar-me perante outrem, sem que eu necessite alienar minha vontade. Ser para outrem é impor-se a ele. Viver é deixar em outrem sua marca, interferir na vida de outra pessoa. Impor-se ao outro não é o destituir, assim como aceitar o outro não é se destruir. Inculcar em outrem suas próprias convicções é também aceitar aquelas que chegam de outrem. Amar é romper as barreiras que separam um ser de outro ser. Neste sentido a reciprocidade pensada por Unamuno pode ser equiparada ao modo como vivem dois amantes. O amor vivido em toda a sua intensidade é desejo de ser si mesmo sendo “no” outro. A paixão dos amantes é interferência recíproca, ser si mesmo agindo sobre o outro. Segundo Unamuno:

Amar al prójimo es querer que sea como yo, que sea otro yo, es decir, es querer yo ser él; es querer borrar la divisoria entre él y yo, suprimir el mal. Mi esfuerzo de imponerme a otro, por ser y vivir yo en él y de él, por hacerlo mío —que es lo mismo que hacerme suyo—, es lo que da sentido religioso a la colectividad, a la solidaridad humana⁷.

⁶ “A dor é o caminho da consciência e é por ela que os seres vivos chegam a ter consciência de si. Porque ter consciência de si mesmo, ter personalidade, é saber-se e sentir-se distinto dos demais seres e o sentir desta distinção só advém pelo choque, pela dor maior ou menor, pela sensação do próprio limite. A consciência de si mesmo não é senão a consciência da própria limitação. Me sinto eu mesmo ao sentir que não sou os demais; saber e sentir até onde sou é saber onde acabo de ser, desde onde não sou”. UNAMUNO, M. de. *Del sentimiento trágico de la vida*. Madrid: Renacimiento Sociedad Anónima Editorial, 1913, p. 133.

⁷ “Amar o próximo é querer que ele seja como eu, que seja como outro eu, isto é, querer ser ele, é querer apagar a divisão entre ele e eu, suprimir o mal. Meu esforço, de impor-me ao outro, por ser e viver nele e dele, por fazê-lo meu – que é o mesmo que fazer-se dele – é o que dá sentido religioso à coletividade, à solidariedade humana”. UNAMUNO, M. de. *Del sentimiento trágico de la vida*. Madrid: Renacimiento Sociedad Anónima Editorial, 1913, p. 273.

O amor, conflituoso, trágico, contraditório, é o sentido profundo da religiosidade, da coletividade, da solidariedade humana. Tal compreensão da fé e da sociabilidade revela que Unamuno está distante das caricaturas que o definem como irracionalista e religioso ingênuo. Os temas elencados até o momento podem servir para interrogarmos diversos problemas políticos e morais de nosso tempo. Fato que demonstra a profundidade de sua filosofia e a atualidade das reflexões consagradas em suas obras.

Um dos temas norteadores da filosofia de Unamuno é a proposta de um *modus vivendi* fundado no sentido religioso da coletividade, ou seja, a **solidariedade**. Tal projeto, nos dias atuais, soa como utópico e ingênuo. Porém, a herança religiosa dessa proposta não significa, em essência, que a utopia de uma sociedade mais justa e fraterna seja um projeto fracassado. Significa que tal projeto se torna cada vez mais irrealizável diante do *modus vivendi* da violência e do capitalismo predatório. O espírito de Quijote ressoa nas palavras de Unamuno como a narrativa universal da busca por um modo de viver não estritamente religioso mas que resgata os valores fundamentais do ser humano.

Na Conclusão da obra *Del sentimiento trágico de la vida*, Unamuno amplia o sentido da crise existencial experimentada pelo ser humano contemporâneo. Segundo o autor, a história humana, em sua totalidade, é o conflito entre a fé e a razão, como o contraste entre o período medieval e o moderno. Estas ideias conclusivas remetem a um debate contemporâneo ao círculo acadêmico e cultural espanhol. A crítica de Unamuno ao cientificismo moderno e ao esquecimento da cultura medieval simbolizam o debate que se estabeleceu entre ele e Ortega y Gasset. Não é a intenção deste estudo explorar as diversas facetas deste embate. Somente mencionamos o intenso debate acerca dos destinos da cultura espanhola que ocorreu a partir da perda das últimas colônias, como Cuba, e a crise que se abateu sobre o povo espanhol a partir do momento em que os resquícios de um império se dissipavam. A obra de Unamuno tem como um de seus objetivos acadêmicos mais explícitos enfrentar a proposta orteguiana de refundar a cultura espanhola a partir do raciovitalismo.

O sentido religioso da filosofia de Unamuno, neste contexto, não é a defesa da igreja católica, mas a proposta de tornar o quixotismo a religião cultural da Espanha. A utopia quixotesca, no sentido construído pelo autor, ultrapassa os ideais da religião e da ciência do século XX. A proposta de Unamuno, portanto, pode ser interpretada como a recusa da cultura da restauração da Primeira República e vislumbre dos caminhos que levarão aos acontecimentos preparatórios da Segunda República espanhola em 1931.

Conclusão

O pensamento de Miguel de Unamuno parece estar situado em um momento da história humana que não nos é mais contemporânea. O filósofo que intenta assumir os ideais de um personagem literário, Don Quijote, símbolo de uma visão de mundo idílica e ingênuo, encerra em sua extemporaneidade, a enunciação de uma linguagem que soa estranha aos ouvidos de nossa época. A interrogação radical que uma pessoa devotada a uma religião pode vivenciar – revelada na angústia diante de sua fé, que interpela a eternidade – pode ser experienciada, em nossos dias, por pessoas mais fervorosas em sua

crença. Alguns pensadores tiveram a disposição de narrar tais experiências em obras que se tornaram imortais, dentre muitos, podemos destacar Tolstoi⁸ e Kierkegaard.

Mas, a cultura contemporânea caracteriza-se, cada vez mais, pela transformação da interpelação acerca da fé – da opção por uma religião ou pela assunção do ateísmo – em uma questão política e, em alguns casos, como o estopim para conflitos religiosos e sociais. Não é sem contradição interna com os valores doutrinários postulados que diversas religiões propagam a guerra religiosa. Em nome de Deus e em nome da fé muitas religiões cometem genocídios horripilantes.

O embate entre instituições religiosas, governamentais e políticas é tão antigo quanto o próprio ser humano. É possível afirmar que um elemento comum a essas instituições é a **crença**. Nestas diferentes organizações sociais, com objetivos distintos, a crença que os respectivos correligionários devotam ao condutor/governante é diretamente proporcional ao poder que cada instituição usufrui. Quanto mais radicais e engajadas são as massas que apoiam dada instituição, mais estas desfrutam de poder e de controle sobre seus comandados e maior poder de pressão e influência exercem sobre outras instituições. A luta pelo domínio sobre corpos e mentes orienta, em muitos casos, a criação e manutenção destas organizações sociais.

Unamuno vivenciou o início dos horrores da guerra civil que dilacerou o povo espanhol e que até hoje divide o país.

Em julho de 1936, dificilmente alguém na Espanha poderia prever que a rebelião militar se transformaria em cruel e prolongada luta fratricida. Menos provável ainda seria imaginar que o general Franco presidiria uma ditadura que iria durar quase 40 anos⁹.

Em 1936, Unamuno presenciou a guerra entre a igreja católica, os partidos conservadores e o exército golpista, de um lado, e o governo dominado pelos partidos de esquerda, de outro. A guerra sepultou os ideais de uma grande parcela da população espanhola, que sonhava com uma vida digna, salários justos e direitos trabalhistas. A guerra dividiu a Espanha e, de modo mais dramático, famílias inteiras¹⁰.

Unamuno viveu os dilemas do pensador que se viu diante de uma Espanha conflagrada. A contradição que foi pensada por ele, no âmbito filosófico, se materializou historicamente. E esta contradição ele a encarnou tragicamente. Apoiou, inicialmente, o movimento golpista liderado por Franco. Mas, ao se dar conta de que os erros cometidos pelo lado republicano, de esquerda, não eram mais devastadores que aqueles praticados pelos católicos e conservadores, se manifestou enfaticamente contra os excessos dos opositores ao regime da Segunda República.

Na histórica cerimônia de início do ano letivo na Universidade de Salamanca, Unamuno enfrentou literalmente as metralhadoras franquistas e corajosamente não se intimidou diante do grito do general Millán-Astray: “Abaixo, os intelectuais! Viva a morte!”. Unamuno pronunciou perante os ouvintes o discurso que se imortalizou pela audaciosa denúncia do regime assassino de Franco. Este ato de bravura custou-lhe a

⁸ Cf. TOLSTOI, L. *Uma confissão*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

⁹ SALVADÓ, F. J. R. A *Guerra Civil Espanhola*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 240.

¹⁰ Sobre a fratura social que a guerra causou na sociedade espanhola cf. GALLIAN, D. M. C. *Pedaços da guerra espanhola*. São Paulo: EdUFSCar, 2011.

prisão e os últimos dias de sua vida em completa amargura. Poucos intelectuais e pensadores espanhóis, ateus ou católicos, tiveram a coragem de proclamar os crimes de guerra perpetrados pelos dois lados do conflito. Unamuno defendeu, acima de tudo, suas convicções pessoais que, em muitos aspectos, manifestavam um suspiro de civilidade em meio ao morticínio.

Esta atitude corajosa de Unamuno perpetuou-se através das últimas décadas. Embora seu nome esteja vinculado a posições filosóficas e políticas conservadoras, no momento decisivo, na situação extrema, ele escolheu o lado da humanidade, da civilidade, da liberdade, da compaixão, da solidariedade e, porque não dizer, da racionalidade. Sua posição filosófica e política demonstrou, naquela época, e ainda demonstra, nos dias atuais, que a assunção de uma fé radical nos valores religiosos não cega aqueles que compreendem o sentido profundo da compaixão e da solidariedade. O ideal quixotesco de lutar contra os moinhos de vento, de, solitariamente, cavalgar contra o inimigo muito mais poderoso, revelou-se, na vida de Unamuno, o destino irrevogável. O Quijote do século XX ensinou, com seus escritos e sua vida, que o ideal transcendente é a mais poderosa arma contra todas as ditaduras.

A guerra civil espanhola foi o prenúncio da Segunda Grande Guerra Mundial. O solo espanhol foi o palco para a aparição da máquina de destruição nazista que devastaria a Europa e colocaria o mundo diante do maior genocídio de todos os tempos. A vida de milhares de espanhóis foi o preço pago para que um governo revolucionário não surgisse e se afirmasse em solo europeu. Os excessos cometidos pelos partidos de esquerda, durante a Segunda República espanhola, serviram para alimentar o discurso de ódio que, até hoje, domina os reacionários espanhóis.

As crescentes manifestações de intolerância que invadem a vida contemporânea, em diversos cantos do mundo, prenunciam o perigo de novas guerras e novos massacres. A violência contra minorias e populações pobres aumenta de forma exacerbada. A população que se arma para “defender a liberdade”, para fazer justiça com as próprias mãos ou para defender a propriedade, incita a substituição do equilíbrio instável típico das democracias representativas pelo governo que impõe incentivando intimidação e morte.

A palavra de ordem do general franquista, “Viva a morte”, não foi proferida somente perante Unamuno, ela ressoa até nossos dias. A pergunta que insiste em ecoar é: quem enfrentará este discurso de ódio e destruição que sempre retorna?¹¹

Referências bibliográficas

CERVANTES, M. de. **Dom Quixote**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2012.

GALLIAN, D. M. C. **Pedaços da guerra espanhola**. São Paulo: EdUFSCar, 2011.

¹¹ Sobre o tema, cf. ROCHA, J. C. de C. *Guerra cultural e retórica do ódio*. Goiânia: Caminhos, 2021.

KIERKEGAARD, S. **O conceito de angústia**. Petrópolis: Vozes, 2010.

KIERKEGAARD, S. **Temor e tremor**. Lisboa: Guimarães, 1959.

ORTEGA Y GASSET, J. **Meditaciones del Quijote**. Madri: Alianza Editorial, 2014.

RABATÉ, C.; RABATÉ, J.- C. **Miguel de Unamuno**. Biografia. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial, 2014.

ROCHA, J. C. de C. **Guerra cultural e retórica do ódio**. Goiânia: Caminhos, 2021.

SALVADÓ, F. J. R. **A Guerra Civil Espanhola**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

TOLSTOI, L. **Uma confissão**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

UNAMUNO, M. de. **Del sentimiento trágico de la vida**. Madri: Renacimiento Sociedad Anónima Editorial, 1913.

UNAMUNO, M. de. **Obras completas, VII. Paisajes del alma. Nuevo mundo. Diario íntimo. Recuerdos de niñez y de mocedad. Sensaciones de Bilbao. Cómo se hace una novela**. Madrid: Fundación José Antonio de Castro, 2005.

Recebido em 09.10.2023.

Aceito para publicação em 17.11.2023.

© 2023 Simeão Sass. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR)